



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ELIEZER PINHEIRO LINS JÚNIOR

**RELIGIÃO COMO INTEGRAÇÃO INTERCULTURAL: O PAPEL DAS
COMUNIDADES RELIGIOSA NA SOCIALIZAÇÃO DE ESTUDANTES
AFRICANOS EM ACARAPE-CEARÁ**

ACARAPE-CE

2024

ELIEZER PINHEIRO LINS JÚNIOR

**RELIGIÃO COMO INTEGRAÇÃO INTERCULTURAL: O PAPEL DAS
COMUNIDADES RELIGIOSAS NA SOCIALIZAÇÃO DE ESTUDANTES
AFRICANOS EM ACARAPE CEARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado por Eliezer Pinheiro Lins
Junior, à Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
(UNILAB), como requisito para a obtenção
do título de Bacharel no curso de
Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. James Ferreira Moura
Junior

Co- Orientador: Profº Ms. Antonio Ailton
de Sousa Lima

ACARAPE-CE

2024

RELIGIÃO COMO INTEGRAÇÃO INTERCULTURAL: O PAPEL DAS
COMUNIDADES RELIGIOSAS NA SOCIALIZAÇÃO DE ESTUDANTES
AFRICANOS EM ACARAPE-CEARÁ

Trabalho de Conclusão do Curso Bacharelado em
Humanidades da Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, em
formato de Projeto de Pesquisa, como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Humanidades, Orientação do Prof. Dr. James
Ferreira Moura Junior.Co- Orientador: Profº Ms.
Antonio Ailton de Sousa Lima

Aprovado em: ____de ____de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. James Ferreira Moura Júnior
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profº Ms. Antonio Ailton de Sousa Lima
Universidade Federal do Ceará

Examinador/a Interno: Prof.^a Ms. Nathalia Medeiros Mesquita
Universidade Federal do Ceará

Examinador/a Interno: Prof^a Ms. Sheryda Januário Lisboa
Universidade Federal do Ceará

AGRADECIMENTOS

Principalmente a Deus, por me dar forças para enfrentar as diversidades da vida que, mesmo com cinquenta anos de idade, tenho buscado conciliar família, igreja, trabalho, lazer e estudos.

Agradeço aos meus professores(as) que repassaram os seus conhecimentos e experiências de vida tão importantes para o meu desenvolvimento intelectual e subjetivo, assim me capacitando a ter uma visão mais ampla da vida.

A minha família, minha esposa Maria Laisete Teixeira Vasconcelos Lins, e filhos, Vitor Vasconcelos Pinheiro, Vitória Vasconcelos Pinheiro e Marcos Vinicius Pinheiro pela sua paciência e compreensão da minha ausência, por esta empenhado nos estudos.

Agradeço aos meus professores do telecurso 2000, em que terminei o meu ensino médio com mais de trinta anos de idade. Afinal, tive que parar os meus estudos na adolescência para ajudar os meus pais. Mas aos meus quarenta e sete anos de idade ingressei no curso de Humanidades da Unilab. Agradeço aos meus colegas de sala de aula na universidade, principalmente, aos africanos estrangeiros com quem tenho um grande respeito.

Também agradeço aos meus irmãos em cristo da minha congregação no conjunto Timbó e aos meus irmãos que congregam no Município de Acarape, que me auxiliaram na elaboração deste trabalho de conclusão de curso. Agradeço também ao meu Pastor Ezequias, que ajudou nas minhas pesquisas e me incentivou a concluir este curso.

Também a Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), instituição que me propocionou um estudo de excelente qualidade, devido a sua composição de docentes bastante preparados e empenhados a fornecer um conhecimento com qualidade e compromisso para o desenvolvimento da sociedade como um todo. Bem como, contribuir para a realização de um sonho de obter uma formação acadêmica de nível superior, para que eu possa utilizar esses conhecimentos para contribuição do desenvolvimento intelectual de outras pessoas.

Deixo um agradecimento especial para os meus professores e orientadores professor Ailton Lima e Professor James Moura Jr que me tiraram muitas dúvidas, como também me ensinaram as normas corretas de desenvolvimento deste trabalho. Agradeço pela paciência do meu co-orientador Ailton que me ensinou com um grau de competência e responsabilidade e me encorajou nos momentos difíceis desta jornada.

RESUMO

Este trabalho aborda sobre a integração de estudantes estrangeiros africanos na Unilab, e de como as comunidades religiosas podem contribuir para a mediação dessas interações e desafios de adaptação enfrentados por esses estudantes. Entendendo que a religião atua como forma de agregar sujeitos a sociedade, bem como é uma ferramenta de reflexão para além de sua compreensão individual do homem, destaca-se sua pluralidade e como esta pode fomentar espaços de integração e adaptação desses jovens estudantes. Com isso, o objetivo geral deste estudo consiste em analisar como as comunidades religiosas contribuem para a integração de estudantes africanos na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E como objetivos específicos, 1) Descrever o contexto de integração de estudantes africanos na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira; 2) Analisar os impactos do período colonial no Brasil no cotidiano dos estudantes estrangeiros africanos na Unilab; 3) Identificar as redes de apoio para o processo de adaptação e integração de estudantes na Unilab. Assim, a orientação metodológica é embasada em uma perspectiva qualitativa direcionada através de visitas de campo, onde a partir de uma investigação participante será realizada entrevista semiestruturada, onde os participantes irão obedecer aos seguintes critérios de participação: ser adulto, praticante de religião, morador da cidade de Acarape, estudante da Unilab, ser estrangeiro africano e, aceitar participar da pesquisa. Feita às entrevistas, o material será analisado a partir da análise crítica do discurso, na busca de encontrar evidências de integração com a comunidade religiosa de Acarape-Ceará.

Palavras-Chave: Integração, Religião, preconceitos, sociabilização.

ABSTRACT

This paper deals with the integration of foreign African students at Unilab, and how religious communities can contribute to mediating these interactions and the adaptation challenges faced by these students. Understanding that religion acts as a way of bringing subjects together in society, as well as being a tool for reflection beyond the individual understanding of man, it highlights its plurality and how it can foster spaces for in integration and adaptation for these young students. The general objective of this study is to analyze how religious communities contribute to the integration of African students at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB). The specific objective are 1) to describe the context of integration of African students at the University of the International Integration of Afro-Brazilian Lusophony; 2) To analyze the impact of the colonial period in Brazil on the daily lives of foreign African students at Unilab, 3) Identify the support networks for the process of adaptation and integration of students at unilab. Thus, the methodological orientation is based on a qualitative perspective directed through field visits, where a semi-structured interview will be carried out based on participant research, where participants will meet the following participation criteria: be an adult, practicing a religion, living in the city of Acarape, a student at Unilab, be a foreign African and agree to take part in the research. Once the interviews have been completed, the material will be analyzed using critical discourse analysis, in an attempt to find evidence of integration with the religious community of Acarape-Ceará.

Keyword: Integration, religion, prejudices, socialization.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. PROBLEMATIZAÇÃO	10
3. OBJETIVOS	11
3.1 Objetivo Geral:.....	11
3.2 Objetivos Específicos:	11
4. MARCO TEÓRICO	11
4.1 Colonização e Dominação religiosa: Percursos históricos	11
4.2 Experiência religiosa como forma de integração	18
5. METODOLOGIA	24
5.1 Tipo de Pesquisa	24
5.2 Técnica	25
5.3 Campo e Participantes do Projeto de Pesquisa	26
5.4 Procedimentos +-Metodológicos	26
5.5 Análises	27
5.6 Manejos Éticos.....	28
6. CRONOGRAMA	28
REFERÊNCIAS.....	29

1. INTRODUÇÃO

Historicamente a religião tem sido considerada uma das principais formas de expressão da cultura, onde cada sociedade, cada povo, desenvolveu suas próprias práticas, cultos, rituais, crenças e, que conforme a sua frequência, esses grupos foram incorporados suas respectivas identidades culturais (HALL, 2006). Entretanto, toda essa diversidade do mercado cultural e religioso acarretou em inúmeros conflitos e desafios para as sociedades.

Atualmente, um dos principais desafios para uma convivência pacífica entre diferentes grupos religiosos, é a falta de compreensão mútua. Conforme Machado, Lima e Neris (2016), a sociedade tende a criar pré-conceitos ao que desconhece, isto é, antes mesmo de conhecer algo ou alguém, ela se apropria de discursos e práticas preconceituosas para julgar o desconhecido como certo e/ou errado.

Dito isto, destaca-se que esse tipo de conduta tem levado a humanidade ao ápice da intolerância, como por exemplo, comunidades tradicionais no mundo inteiro vêm sendo perseguidas por grupos que se julgam evoluídos e únicos dignos da vida, assim torturando e dizimando sociedades inteiras. Para superar esses obstáculos, acredita-se que a educação é a única ferramenta capaz de promover o diálogo entre diferentes sujeitos e comunidades religiosas distintas, pois através da compreensão mútua, o sujeito é conduzido a um processo de aprendizagem, aprendendo a respeitar e lidar com as diferenças (TELES, 2001).

Conforme Oliveira (2009), a religião possui a função de agregar os sujeitos sociais à sociedade, portando-se como uma ferramenta de controle social, ou seja, atuando como um código moral e/ou até mesmo um padrão a ser seguido por seus adeptos. Dessa maneira, os seres humanos organizam-se em suas comunidades, participando de forma harmônica e colaborativa com os demais membros, materializando realidades que transcendem suas particularidades e chegam aos seus irmãos de crença.

Essa irmandade, com o tempo, acaba fortalecendo o sentido de moralidade, pois conviver em grupo exige o cumprimento de uma normatização de comportamentos, isto é, regras a serem seguidas. E a religião em prol de um “bem comum”, visando harmonia entre seus membros e o alcance a transcendência, busca estabelecer entre seus pares práticas de empatia, respeito, harmonia e cooperação entre os membros (SANCHEZ, 2010).

Mediante o exposto, o seguinte projeto surge com intuito de refletir acerca da religião e suas contribuições para promover a integração, o diálogo e a convivência pacífica entre diferentes comunidades culturais e religiosas. Ao se debruçar sobre a temática neste estudo, destaco as formas de interação de estudantes internacionais em encontros de reuniões nas comunidades religiosas, bem como fora delas, na cidade de Acarape, pertencente ao Maciço de Baturité, região interiorana do estado do Ceará.

A migração de jovens estrangeiros, vindos de diversos países africanos para estudar na Unilab, caracteriza-se por alguns processos de adaptação. Segundo Santos (2007) este processo agride o indivíduo, roubando-lhe parte do ser, obrigando-o a uma nova e dura adaptação em seu novo lugar. Leite (1954, p. 123) afirma que “[...] a participação numa cultura não é obstáculo intransponível para o ajustamento a outra, desde que o indivíduo tenha possibilidade material de adquirir as habilidades exigidas pelo novo ambiente”.

Nesse sentido, ao pensar a interculturalidade, temos que sair da lógica do um e nos situar na lógica multivocal, dentro da qual não podem ser feitas totalizações (MÉNDEZ, 2013). Assim, ao destacar o prefixo da palavra interculturalidade, *inter*, este tem por significado/sentido reciprocidade, interação e criação de ponte de comunicação. Com isso, destaco minha motivação para escrever sobre a temática em estudo, que se deu a partir da observação da interculturalidade dos estudantes estrangeiros na Unilab e nos espaços de culto que frequento.

Observando como as comunidades religiosas tentam contribuir para a integração de estudantes estrangeiros e brasileiros na Unilab, percebe-se que essa integração conduz ao problema sociológico da ordem em que há nível micro, no que concerne ao modo como os atores são incorporados num espaço social comum, e a nível macro, isto é, relativamente ao modo como são compatibilizados diferentes subsistemas sociais, assim, “o domínio da integração constitui, pois uma das dimensões do problema da ordem, na medida em que envolve os modos de padronização da vida social o âmbito da articulação problemática entre as partes do todo” (PIRES, 2003, p.15).

Entendendo a influência cultural, a dinâmica da integração entre os estudantes estrangeiros, a fim de amenizar esses problemas, as comunidades religiosas em Acarape tentam compreender os processos de adaptação destes estudantes, por isso, é importante o estudo das funções culturais. Nesse sentido, temos como pergunta partida: de que forma as comunidades religiosas podem vir a contribuir para a integração intercultural dos discentes internacionais na UNILAB?

Por seguinte, o presente estudo tem por objetivo geral analisar como as comunidades religiosas contribuem para a integração de estudantes africanos na Universidade da Integração Internacional e da Lusofonia Afro-Brasileira em Acarape, Ceará. Para tanto, como objetivos específicos estipulou-se, 1) descrever o contexto de integração de estudantes africanos na Unilab; 2) Analisar os impactos do período colonial no cotidiano dos estudantes estrangeiros africanos na Unilab, 3) Identificar as redes de apoio para o processo de adaptação e integração de estudantes estrangeiros na Unilab.

A metodologia deste projeto de pesquisa será realizada através de método qualitativo, que capacitará para a construção das interpretações das realidades por meio da investigação, dos participantes (MINAYO; SANCHES, 1993). Juntamente, com a entrevista semiestruturada, no qual será organizada um roteiro com perguntas abertas, e básicas para dar espontaneidade ao entrevistado(a) e dar suporte ao entrevistador (TRIVIÑOS, 1987; MANZINI, 2003). Também, usado como técnica o diário de campo, que é bastante útil nas anotações minuciosas e análises dos dados coletados, através dessas observações coletadas define-se os limites e desafios do cotidiano (LEWGOY; ARRUDA, 2004). Desta forma, esse projeto de pesquisa é direcionado aos estudantes africano estrangeiros da Unilab que participam das comunidades religiosas em Acarape-Ceará.

O meu estudo sobre a temática, aconteceu paulatinamente durante a minha vivência na Unilab, observando a interculturalidades de alguns jovens estrangeiros(as) e Brasileiros(as), de matrizes africanas, em que se observar um certo preconceito nos dias atuais, a debruçar-me sobre as questões raciais, culturais e religiosas desses comunidades religiosas, constata-se que o respeito é essencial para que criemos uma integração cada vez maior com esses estudantes, sendo as religiões de matrizes africanas colocadas muitas vezes em pautas através dos estudos relacionados a história da África.

Logo, fiquei encantado com a diversidade cultural, religiosa e social que os povos africanos têm, isso despertou-me o desejo para aprimoração dessa temática, também observando as dificuldades que alguns jovens estudantes africanos enfrentam no seu cotidiano e como as comunidades religiosas protestantes Batista em Acarape podem contribuir para amenizar esses problemas.

Enfim, a minha inquietação em realizar essa pesquisa se deu em observar que ainda existe preconceitos, intolerância religiosa e racial, enfrentada por esses jovens

estudantes, em Acarape, além de seus desafios do dia a dia como adaptação, integração, traços de um período colonial, que ainda vem constituindo a formação da sociedade brasileira, e através do conhecimento e respeito ao próximo poderemos contribuir para diminuir os seus efeitos tão devastadores na sociedade atual.

Aguarda-se, pois que este projeto de pesquisa traga colaboração significativa para a sociedade e a academia, logo, dará suporte para o aprofundamento e compreensão dos desafios que os jovens estudantes estrangeiros da UNILAB, enfrentam no seu cotidiano. Ademais será capaz de analisar, como as comunidades religiosas protestantes Batista em Acarape-Ceará podem contribuir para amenizar estes desafios e aumentar a integração entre esses estudantes através de suas práticas sociais. Juntamente com o respeito e integração com estudantes na Unilab de matrizes africanas que contribuirá para um crescimento intelectual e social muito grande, de igual forma, as investigações científicas, metodologias e referências bibliográficas relacionadas à temática do projeto, facilitará futuras pesquisas de estudantes e professores na academia, como também a futuros ingressantes no ensino superior.

2. PROBLEMATIZAÇÃO

Considerando que essas comunidades religiosas são formadas por religiões protestantes Batistas e de matriz africana, compostas por um pluralismo religioso, que acaba contribuindo para a cooperação mútua entre os seus membros e a sociedade em que se localizam. Nessas comunidades religiosas em Acarape, há presença de jovens estrangeiros africanos estudantes da Unilab, que encontram nessas comunidades outros membros com desafios muito parecidos com os seus, o que lhes permite uma interação maior para conseguirem amenizar os seus desafios, como: pouca integração, preconceitos e racismo. Desta maneira, essas comunidades religiosas procuram uma aproximação maior com seus membros para tentar assisti-los no que for possível. Considerando que a integração está relacionada com a adaptação, desses jovens estudantes que veem a amizade e o companheirismo nessas comunidades uma forma de diminuir os seus problemas cotidianos. Esse projeto será orientado pela seguinte pergunta de partida: De que forma as comunidades religiosas podem vir a contribuir para a integração intercultural dos discentes internacionais na UNILAB?

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral:

Analisar como as comunidades religiosas contribuem para a integração de estudantes africanos na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira UNILAB;

3.2 Objetivos Específicos:

- Descrever o contexto de integração de estudantes africanos na Unilab;
- Analisar os impactos do período colonial no Brasil no cotidiano dos estudantes estrangeiros africanos na Unilab.
- Identificar as redes de apoio para o processo de adaptação e integração de estudantes estrangeiros na Unilab

4. MARCO TEÓRICO

4.1 Colonização e Dominação religiosa: Percursos históricos

A colonização consistiu em um fenômeno de invasão, conquista e dominação do território latino-americano, que ocorreu no século XV (DUSSEL, 1994). Caracterizada por uma histórica e intrínseca invasão dos colonizadores europeus, estes impuseram tensões nas estruturas sociais e culturais existentes entre os povos originários da América Latina. Assim, a colonização resultou de projetos idealizados com o intuito de englobar a consolidação da expansão territorial da Europa, reproduzindo e mantendo estruturas de exploração e subserviência gerada a partir de um sistema político-econômico de controle e posse (BATTESTIN; BONATTI; QUINTO, 2019).

O fenômeno da colonização representou não apenas a invasão e o interesse material, mas sim o extermínio dos povos originários, moldando-os subjetivamente e conduzindo-os ao esquecimento seletivo de suas experiências socioculturais, bem como produzir o “apagamento ativo e violento” da história singular e única dos povos originários (BONATTI; BATTESTIN, 2022). Assim, através da dominação, forjou-se uma noção de que a missão dos colonizadores era de salvar os povos nativos de seu estado de barbárie (BAUMAN, 2013). Dito isto, ressalta-se que a imediata ocupação do novo território, no caso o Brasil, foi dificultada pela falta de recursos humanos, técnicos e financeiros (BOXER, 2002; SALDANHA, 2001).

Segundo Bosi (1992), a dominação dos povos originários legitimava-se a partir do dogmatismo moral divino, sob o qual os princípios universais da racionalidade ao

européu incidiam fortemente para o massacre de inúmeras comunidades originárias. Visto que, a colonização foi uma forma de suprimir as identidades originais e legitimar o monoculturalismo do colonizador como exclusivo modelo universal de cultura, história e sociedade (QUIJANO, 1992). Destaca-se que, em diferentes momentos a colonização ocorreu em consonância aos interesses das coroas ibéricas e da igreja católica.

Embora a cristianização visasse a catequização dos povos originários, destaca-se que nas primeiras décadas do século XVI, sobre o pretexto e debate sobre a existência ou não de uma alma dos indivíduos insulados “índios”, destaca-se que estes foram condicionados a escravidão (GROSFOGUEL, 2016). Mas, com a participação da monarquia imperialista espanhola e seu controle sobre a igreja Católica, foi demandada uma decisão definitiva sobre o debate, afinal com o batismo dos indígenas estes passaram a possuírem uma alma.

De um lado, o teólogo Ginés Sepúlveda defendia que os “índios” não possuíam alma, fazendo deles seres passíveis de escravização, assim o argumentando sob a perspectiva “[...]capitalista moderna de que os ‘índios’ não teriam qualquer senso de propriedade privada ou de mercado, pois se baseiam na coleta e na distribuição recíproca das riquezas” (GROSFOGUEL, 2016, p. 38). Em contrapartida, defesa de que os “índios” possuíam alma, o Padre Bartolomeu de Las Casas, afirma que esses seres humanos não eram passíveis de serem escravizados, pois viviam em estado de selvageria, assim propondo a cristianização (ZEIFERT; PAPLOWSKI; AGNOLETTI, 2023). Para Grosfoguel (2016, p.39), essas teses representam “[...] respectivamente, a inauguração dos dois maiores discursos racistas, com as consequências mais duradouras, capazes de mobilizar os impérios pelos 450 anos que se seguiram: os discursos racistas biológico e cultural”.

Assim, o processo de cristianização dos povos “bárbaros” os “índios”, sendo sujeitos a uma forma de coerção diferente da escravização, sendo suas identidades alteradas, suas culturas destruídas, suas memórias tradicionais subjugadas. Aos sobreviventes deste epistemicídio, era imposto uma nova identidade, além da aniquilação de toda a história, cultura, tradição e memória que existia. “Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população” (QUIJANO, 2005, p.117).

Pontua-se que o ato de colonizar implicou na insensibilização e na impossibilidade de reconhecer o outro como sujeito de direitos e valores. O ideal do

colonizador europeu era inferiorizar os povos originários, destacando-se como “seres superiores”. Esta noção consistia na premissa de que o sujeito branco, europeu e católico tinha uma missão divina de converter estes povos e ensiná-los as doutrinas cristãs (CÉSAIRE, 1978).

Logo no início da colonização no Brasil, a mão de obra escravizada utilizada era a indígena, mas, com a comercialização do escravo negro, tornou-se mais vantajosa financeiramente para os mercadores metropolitanos, pois estes eram vendidos ao produtor colonial e eram depois comprados por preço de monopólio. Já o indígena escravizado não oferecia essas vantagens comerciais, pois era capturado na própria colônia (REZENDE FILHO, 1995). Consequentemente, milhões de pessoas do continente africano chegaram aos portos da América portuguesa entre 1550 e 1855 (FAUSTO, 1994).

Destaca-se que a utilização da mão de obra negra escravizada, foi feita de maneira cruel e violenta, sendo mais intensa em comparação a escravização indígena, levando milhares de culturas a se transformarem em desprezáveis mercadorias, denominadas de “africanos ou mouros”. Pontua-se que, a dominação colonial não visava apenas submeter os povos do continente africano ao regime de escravidão, desejava também moldando-os subjetivamente, os fazendo conceber a Europa como o centro universal do mundo (GORENDER, 2012).

Trazidos para o Brasil de forma cruel, os povos africanos eram retirados à força de seus países de origem, famílias e povos. Ainda nos navios negreiros, eles eram separados por dialetos, para evitar a suas mobilizações, e consequentemente, uma futura rebelião e movimentos de resistência, os deixando assim vulneráveis (RIBEIRO; RODRIGUES, 2012). Assim, concebe-se o fenômeno da diáspora africana, caracterizando-se pelo recorrente tráfico internacional de pessoas escravizadas, através do Oceano Atlântico, sendo resultado do colonialismo. Como efeito desses fenômenos, as pessoas traficadas foram afetadas por uma dupla situação, pela ausência e desterritorialização: primeiramente na África, quando foram aprisionados em guerra, sequestrados e vendidos, perdendo a sua liberdade, depois no Novo Mundo, para onde foram destinados contra sua própria vontade e onde não possuíam condições de estabelecerem integração, a não ser na condição de cativos (FERNANDES; CINEL; LOPES, 2016).

Igualmente, o processo de dominação religiosa também impactou os povos africanos trazidos sobre esse regime de escravidão para o Brasil no período colonial,

pois suas crenças e religiões foram reprimidas pela igreja Católica que, com apoio da metrópole Portuguesa, considerava qualquer tipo de religião que não fosse católica como uma contraversão penal. Além de serem escravizados e tratados como mercadorias, estes eram incapazes de terem humanidade e muito menos uma crença. Assim, logo estes eram batizados no porto africano, fosse quando partiam ou quando chegavam ao novo continente, onde eram marcados com brasa e/ou colocado uma argola em seus pescoços para identificá-los como cristãos (SILVEIRA, 2006).

Além disso, a sociedade colonial do século XVIII, considerava as práticas religiosas africanas como expressões de magia ou bruxaria, sujeitas de punição pelo código canônico e perseguidas pela igreja Católica e pelas autoridades (FERNANDES, 2017). Logo, “[...] a crença na magia e na capacidade de produzir malefícios por meios ocultos e sobrenaturais é bastante generalizada no Brasil desde os tempos coloniais” (MAGGIE, 1992, p. 22).

Assim, destaca-se que as manifestações religiosas africanas foram alvos de atitudes etnocêntricas por parte dos colonizadores. De igual maneira, as práticas religiosas indígenas também foram atormentadas e anuladas. Os colonizadores europeus, apoiadores e praticantes das doutrinas católicas, distorceram os significados das crenças africanas e indígenas e disseminaram falsas interpretações para os seus descendentes. Com isso, devido a repressão das expressões religiosas dos povos cativos, em movimento de sincretismo religioso, os povos cativos fingiram e esconderam o culto às suas divindades africanas sob a máscara de santos católicos” (MAGGIE; REZENDE, 2001, p. 23).

Consequentemente, na Constituição brasileira de 1824, essa dominação religiosa se fortaleceu com a união entre o Estado e a Igreja Católica, com estas ideologias trazidas do passado colonial, determinou-se sólidos alicerces para sua manutenção (CASSAMASSO, 2010). Desse modo, a igreja católica atuou como uma instituição reprodutora de ideologia da classe dominante, através do seu discurso-religioso, antes com o intuito de contribuir com a manutenção da sociedade escravocrata e, posteriormente, com a finalidade de contribuir com as relações de exploração/subordinação da sociedade capitalista (ALTHUSSER, 1985).

Todavia, houve uma transformação no campo religioso, através da Constituição Federal de 1891, que assegurou a separação legal entre Estado e Igreja. Havendo uma certa diminuição da hegemonia e controle da tradição católica, gerando um fortalecimento no pluralismo religioso. No Governo de Getúlio Vargas, houve uma

investida, fracassada para a volta da religião Católica como oficial (RIBEIRO; RODRIGUES, 2021). Desse modo, há um constante desrespeito às religiões de matriz afro-brasileira que, na maioria das vezes, se concretiza em acontecimentos verdadeiros de agressão verbal e física. A intolerância religiosa sustenta-se na crença de que uma religião é melhor que as demais, sendo a única detentora da verdade (VON, 2003).

Compreende-se então que, a prática de tolerância está conectada a um entendimento multicultural de convivência e incorporação entre raças, etnias e culturas diferentes, assim sendo possível “[...] a convivência com comportamentos, conceitos e discursos diferentes, requerendo que alguns princípios de convivência sejam considerados” (SANZ, 2012, p. 249). À vista disso, a negação dessas práticas conceberá enquanto intolerância.

Nogueira (2020, p. 57) explana que “tolerância é um termo que vem do latim *tolerare* e significa ‘suportar’ ou ‘aceitar’. [...] é o ato de agir com condescendência e aceitação perante algo que não se quer ou que não se pode impedir”. Contudo, o respeito permite que o outro exista, aceitando as diferenças. Assim, ao ter uma compreensão da diversidade cultural e religiosa do mundo, sobretudo do Brasil, considerando seu povo heterogêneo e multifacetado (ZUCON, 2013), destaca-se que a intolerância religiosa no Brasil tem uma raiz colonial.

Com o fim do sistema escravocrata no Brasil, perdurando por mais de quatro séculos, este pareceu mais com um tipo de “reforma agrária” pois, houve apenas uma redistribuição de riqueza de propriedade dentro de uma coletividade acarretando modificações na formação da organização da produção (FURTADO, 1999). Com a decadência do sistema escravista, ocorreu uma tentativa fracassada de mão de obra barata e semi-servil (BEIGUELMAN, 1977), caracterizada por uma massa móvel de trabalhadores, composta por imigrantes asiáticos, sendo eles, chineses e indianos (YANG, 1977).

Movimento de imigração este, custeado pelo governo, porém a elite queria o branqueamento da população brasileira através da inserção de pessoas vindas da Europa (CASTILLA, 2000). Nesse sentido, o Governo Brasileiro (1824) oferecia vários benefícios a fim atrair imigrantes europeus, como por exemplo, passagens pagas, concessão de lotes de terras livres e desimpedidas, suprimentos de matérias primas de primeiras necessidades, material de trabalho e animais, isenção de impostos por alguns anos e liberdade de culto.

Não obstante, esses benefícios ficaram somente na promessa, pois as terras ficavam longe das sedes em meio a mata intocada, não havendo estradas e escolas. Quanto à liberdade de culto, o Governo presumiu que em meio aos imigrantes, existiam luteranos e, pela constituição Imperial de 1824, a religião oficial era a católica, tornando a prática a outras religiões inconstitucionais. Com isso, seus adeptos só poderiam praticar seus cultos em suas casas, não podendo ter aparência exterior similar a um templo (MULLER, 1999).

Similarmente, o colonialismo, como ápice de todas as dominações, foi também uma dominação epistemológica, uma relação desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber dos povos das nações coloniais, menosprezando-os para sujeita lós (SANTOS; MENESES, 2010). Assim, a colonização não afetou apenas os processos de povoamento de dominação, ela atingiu a soberania epistemológica desses povos colonizados (SANTOS; MENESES, 2009), onde estes foram subjugados, privados de suas terras, culturas e saberes, sendo dominados pelo sistema capitalista e colonialista (PAIVA, 2015). Quanto mais, o processo de hegemonia da matriz europeia se destaca de três formas de poderes, sendo eles: o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado, que unidos a outras formas de dominação como o autoritarismo político e religiosa, configuram-se como as bases das formas de pensamentos e dominação, desprezando todas as outras formas de culturas e conhecimentos dos povos colonizados (SANTOS; MENESES, 2018).

Portanto, com a hierarquização do conhecimento global têm concedido o privilégio epistêmico aos homens ocidentais, assim estes definem o que é verdade, realidade e o que é melhor para os demais. Esse domínio e legitimidade têm criado o arcabouço de instituições que promovem o racismo/sexismo epistêmico, desqualificando outros saberes e outros pensamentos críticos frente aos projetos imperiais/coloniais/patriarcais que regem o sistema-mundo (GROSFOGUEL, 2016), refletindo nos modos de ser, saber e poder. Assim, destaca-se a passagem de um sistema de poder idealizado através da diferença religiosa, para uma forma de poder baseado em diferenças raciais (MALDONADO-TORRES, 2016).

Como resultado dessas chagas na contemporaneidade, alavancada pelo processo de multinacionalização, evidencia-se um grande contingente de trânsito de pessoas que migram de seus países por causa de diversos motivos como, fraca qualidade de ensino, pobreza, saneamento básico deficiente, problemas financeiros e falta de oportunidade de emprego (BRAH, 2011).

Assim, embora no período colonial grande quantitativo pessoas escravizadas tenham sido obrigadas a migrar forçadamente para o Brasil, tirados de seus sistemas próprios de organização social, político, cultural, econômico e religioso, na condição de cativos. Atesta-se que este processo se configurou enquanto símbolo da diáspora como um deslocamento coercivo. Já na atualidade, na nova diáspora, evidencia um deslocamento necessário.

Com base no Governo Brasileiro, esse novo deslocamento atualmente caracteriza-se por receber jovens africanos para estudarem na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), inaugurada no dia 15 de maio de 2011. Esta, surge com o propósito político de integrar os países membros da comunidade dos países de Língua portuguesa (CPLP), através de intercâmbios de docentes e discentes, assim incentivando pesquisas e oferta de instrução superior público aos seus cidadãos (SOUZA, MUNIZ, 2017). Desse modo, com a fundação da Unilab foi induzida dinâmicas migratórias de grande escala, autorizando a prever como pequenas cidades já detentoras de uma situação de fragilidade social e precariedade urbana expressiva, almejando mudanças intensas e complexas (ENDLICH, 2011; DETONI; ROCHA, 2017).

Como resultado da migração, os estudantes estrangeiros ao chegarem na Unilab, depararam-se com uma série de desafios no processo de mudança e adaptação, que acaba afetando diretamente a vida de todos neste contexto de nova diáspora, a exemplo, as diferenças socioculturais (STALLIVIERI; PILOTTO; GONÇALVES, 2015). Uma vez que, são inseridos em um outro país com diferentes culturas, costumes e crenças, são obrigados a exercerem funções sociais para poderem adaptar-se (GUNTER, 1986).

Apesar de, a convicção do projeto da Unilab seja proporcionar uma integração entre os seus estudantes, o que tem ocupado um lugar de destaque na sua diretriz e um dos pontos de sua maior análise, evidencia-se que no dia a dia dos estudantes esta proposta ainda é pouca concretizada. Afinal, o racismo, qualidade da população brasileira, aparece de forma dissimulada (ZAMORA, 2012). Sem contar as dificuldades encontradas na adaptação às imposições acadêmicas e ao sistema educacional brasileiro, diferente do vivenciado em alguns de seus países de origem (MORADI; RISCO, 2006).

Além disso, a estadia de alguns alunos “internacionais” no Brasil, geram questões emocionais (SUBUHANA, 2007), como quadros de ansiedade, depressão e confusão, relativos na maioria das vezes aos preconceitos e discriminação sistemática sofrida (CONSTANTINE, 2005; WEI, 2007). Uma vez que, alguns discentes ao serem

afetados por esses problemas sentem-se constrangidos em pedirem ajuda, temendo serem mal compreendidos, por se tratar de ajuda psicológica, acreditando em estarem dando trabalho sempre que necessitarem de alguma ajuda relacionada a esse problema (MERTA; PONTEROTTO; BROWN, 1992; WEI et al., 2007).

4.2 Experiência religiosa como forma de integração

Compreendendo os problemas enfrentados por jovens estrangeiros estudantes na Unilab, destaca-se a dificuldade integração, a difícil adaptação, discriminação e racismo. Assim, a fim de compreender como a religião pode contribuir para uma melhor integração teceremos algumas reflexões. Na atualidade, podemos observar que um pluralismo religioso vem contribuindo para a construção de novos espaços de cooperação pública. Segundo Tomás (2008), esta pluralidade religiosa pode estabelecer um meio de integração dos imigrantes, uma vez que nas comunidades religiosas protestantes e de matriz africana, é possível encontrar outros residentes de sua terra natal, com a mesma cultura, crença e desafios. Desse modo, atesta-se que as religiões procuram ter um envolvimento com seus membros, tentando compreender os seus desafios e amenizar problemas e expectativas, uma vez que a contribuição das práticas religiosas pode criar uma integração entre eles.

Nesse sentido, as comunidades religiosas protestantes Batistas propõem regulamentos éticos que modelam o comportamento de seus praticantes fazendo com que a vida na sociedade se torne mais equilibrada, independente das circunstâncias econômicas que cada membro dessas religiões se encontre (LIBERAL, 2004, p. 10). Assim, as religiões aconselham as melhores atitudes a serem executadas por seus fiéis, e os apoiam diante das dificuldades que encontram. Considerando que alguns estrangeiros possam se sentir constrangidos em procurar ajudar, as comunidades religiosas tentam ter uma aproximação maior com seus membros, bem como amparar-los nos seus problemas cotidianos, desde a questões individuais e/ou coletivas (MACHADO; FERRÃO, 2021).

Ao conceber que as religiões representam a cosmovisão através de símbolos, estas assimilam valores que dão forma, significado e comandam a realidade (BOURDIEU, 1998). Porém, estas não podem ser interpretadas de modo isolado, pois são instituições sociais (MACHADO; FERRÃO, 2021). Assim, sendo estas constituídas pela ligação de múltiplos sistemas sociais, formados por várias conexões sistêmicas, estas se configuram a partir de uma série de regras e metodologias reconhecidas

socialmente, apresentando uma relação de interdependência, ou melhor, não agem de maneira isolada. aparecendo para munir diversas carências humanas e desempenham uma função primordial no desempenho da sociedade e da democracia, o que acontece por meio de seu poderio normativo e coercitivo (GIDDENS, 2003).

Quanto ao papel da religião, Giddens(2003) assinala:

Ao longo de milhares de anos a religião tem tido um importante papel na vida dos seres humanos. Sob uma forma ou outra, a religião existe em todas as sociedades humanas conhecidas. As sociedades mais antigas, de que apenas temos conhecimento através dos vestígios arqueológicos, mostram traços claros de símbolos e cerimônias religiosas. Ao longo da história subsequente, a religião continuou a ser um elemento central da experiência humana, influenciando o modo como vemos e reagimos ao meio que nos rodeia (GIDDENS, 2001, p.516 e 517).

Assim, para além do conhecimento agregador gerado dentro das reuniões das comunidades religiosas protestantes Batistas, a religião também pode atuar como fator de civilidade de diferenciação, “[...]sociabilidade e controle seriam práticas e ou estratégias pelas quais os indivíduos e os grupos se mantêm coesos ou se dissociam a partir da comunhão ou da diferenciação de sentidos” (SETTON, 2008, p.18).

Bingemer (2001) discorre que, naturalmente, estudantes estrangeiros uma vez envolvidos em crenças religiosas, estão inclinados a vivenciá-la enquanto sujeito integrante de uma comunidade religiosa, sentindo-se amparado e fortalecido na sua alma, bem como, motivado para enfrentar as dificuldades de adaptação. Outro fator, de extrema relevância para essa adaptação social e cultural, é a amizade construída entre os estudantes tanto estrangeiros como nacionais. Assim, atesta-se que muitas dessas amizades são construídas em reuniões das comunidades religiosas protestantes Batistas, como também no contato do dia a dia na Universidade (GARCIA; GÓES, 2010). Assim, conforme Jacobson e Johnson (2006) as amizades interculturais, conseguem ter efeitos sociais importantes, levando a condutas mais favoráveis em relação a outras etnias, a exemplo, a aprovação de casamento inter-raciais.

Dentro das comunidades religiosas protestantes Batistas, o significado atribuído ao amigo engloba um papel muito importante, pois se refere a alguém que tenta assistir as dificuldades de quem estiver ao seu alcance, chegando a ser considerado como um irmão por aquele que é assistido (TAMAYO, 2007). Desse modo, estes tendem a compartilhar algumas atividades em comum, como: estudos bíblicos, lazer, cultura, relacionamentos, conversas em suas línguas maternas, esportes, bem como morarem na mesma casa, ocasionando uma forte interação e uma adaptação mais eficiente.

Conforme Garcia e Góes (2010), similarmente, para uma melhor adaptação desses jovens estrangeiros, incluem-se aspectos como: a adaptar-se a sociedade, ao ensino universitário, construção de redes de amizade, enfrentamento compartilhado dos desafios do dia a dia, regulamentação dos documentos, bem como, acolhimento espiritual e social na sua chegada.

Com isso, as comunidades religiosas protestantes Batistas, têm contribuído para o processo de adaptação e vivência cultural de imigrantes, sendo a religião uma extensão da vida social e da cultura popular, destaca-se que “No Brasil, da mesma forma como ocorre em outros países de forte tradição cristã, as crenças e práticas propostas pela estrutura religiosa formal têm sido progressivamente reinterpretadas pelo povo à luz de experiência cotidiana concreta” (GASPAR, 2004, p. 123).

Assim, essas experiências religiosas, quase sempre são assimiladas através das gerações passadas como conhecimento tipicamente pela oralidade, bem como a exposição e participação a rituais. Logo, a transmissão desses saberes está sempre em manifestação, renascendo e reafirmando a sua afinidade de pertencimento a uma coletividade (CASTELLS, 1999; XAVIER, MACHADO, 2017). Com isso, aponta-se a busca do sagrado em forma de peregrinação, repetindo as suas liturgias, a crença no mundo santificado e os domingos dedicados ao Senhor. Atesta-se que:

[...] um rito produz estados mentais coletivos suscitados pelo fato de um grupo estar reunido. O essencial é que haja indivíduos reunidos, que sentimentos comuns sejam experimentados e expressos em atos comuns. Tudo nos leva então à mesma ideia: os ritos são, antes de tudo, os meios pelos quais o grupo social se reafirma periodicamente (SEGALEN, 2002, p. 23-24).

Com isso, destaca-se o trabalho das comunidades religiosas protestantes Batistas, pela busca de uma integração, bem como em ações que possam minimizar práticas racistas, por meio de conscientização da igualdade racial, respeito e diálogo responsável, atenuando a exclusão recíproca que estas práticas racistas e preconceituosas geram (FANON, 1968). De modo que, uma política de cooptação onde retornamos ao amor como uma prática de ordem política, possa nos libertar (HOOKS, 2001). Eventualmente, a ideia de raça é esta presente, no pensamento da atualidade, considerando, o racismo como resultado de construção mental de mundo representado pela violência, ocultação de conhecimentos e o controle das subjetividades de outros povos.

Considerando que, os processos de escravização e colonização arquitetaram as relações sociais deste país, destaca-se que estas foram geradoras de traumas coloniais (LAZALI, 2018). Assim, como o próprio processo de catequização e cristianização dos povos indígenas e africanos. Embora estas últimas tenham atuado como forma de dominação, num processo que está também atuando como forma de enfrentamento e resistência.

Considerando que a religiosidade teve uma função fundamental no processo de resistência no período colonial, os povos africanos escravizados ao chegarem no Brasil, enfrentarem inúmeras atrocidades e a sua resistência era uma questão de vida ou morte, um dos meios encontrados, foi as suas manifestações religiosas que:

Para os negros vítimas do escravismo criminoso foi fundamental, diante do esfacelamento dos laços familiares e da desterritorialização forçosa, a recriação de uma linhagem para a transmissão e preservação de sua comunidade. Tal linhagem foi providenciada sobretudo pelo Terreiro de Candomblé, enquanto espaço ritualístico de recomposição e reelaboração dos elos fragmentados pela sociedade que destinava o negro (PETIT, 2009, p. 3).

Dessa maneira, as religiões de matrizes africanas foram significativas no processo de reconstrução, de resistência, visto que, nos momentos laboriosos ao culto e ao sagrado que sua cultura era manifestada. Nessa circunstância a religião de matrizes africanas aparece como ponto de partida, como movimentação nos terreiros da casa grande, para resistirem, para encontrar-se, para interagirem e para manter viva a sua existência (PETIT, 2015).

Porém, na atualidade observa-se uma certa invisibilidade da cultura afro-brasileira quanto a suas práticas religiosas, isso se deve a ideologias preconceituosas eurocêntricas que ainda existem na formação da sociedade brasileira, herdadas do período colonial que perdurou por mais de quatro séculos no Brasil. Tendo em vista, a suma importância de estudar as questões relacionadas a religião de matrizes africanas, por representarem um patrimônio histórico e cultural do Brasil, sendo um dos seus símbolos a Umbanda, assim, o estudo das matrizes africanas traz uma grande contribuição para a integração de jovens estudantes africanos estrangeiros na Unilab.

Além disso, no município de Acarape as religiões de matrizes africanas se fazem presentes, representadas pelos terreiros de Candomblé e Umbanda, sendo as suas existências naquele município muito antiga, trazendo socialização e integração entre os seus adeptos e frequentadores, muitas pessoas procuram essas comunidades religiosas com o intuito de resolverem algum tipo de problema de saúde que a medicina atual não

encontrou diagnóstico ainda ou resolverem algum problema familiar; como também essas religiões têm um conhecimento muito grande de plantas medicinais que podem contribuir para a saúde desta comunidade, conforme relata Ortiz (1999, p.16), “[...] a Umbanda corresponde a integração das práticas afro-brasileiras na sociedade brasileira moderna, o Candomblé significa justamente o contrário, a conservação da memória coletiva africana no solo brasileiro”.

De igual forma, a integração com os estudantes na Unilab que fazem parte das religiões de matrizes africanas, é tão importante quanto o conhecimento que vemos adquirido no decorrer dos nossos estudos acadêmicos, que por muitas vezes tem o foco em conhecimentos da cultura, religião, história e sociedade africana, ao garantir a integridade e respeito a esses jovens contribuimos para que não se tornem obliterados pelo conhecimento acadêmico cheio de fundamentos eurocêntricos (OYWÙMÍ, 2004).

Certamente, a religiosidade de matrizes africanas ao longo da história, destina os africanos à busca identitária, uma maior relação com o sagrado. O homem, nesse universo, é a concentração de tudo que existe, o recipiente por excelência da força suprema, e ao mesmo tempo aquele que afluem às forças existentes (DOMINGOS, 2015). Neste sentido, há uma integralidade espiritual entre os adeptos dessas religiões, mesmo parecendo invisível, muitas pessoas de classes distintas aderem às religiões de matrizes africanas, sendo a Umbanda considerada pela sociedade a que compõe adeptos de menor poder aquisitivo, porém evidencia-se que esse quadro vem mudando no decorrer do tempo, pois são inúmeros frequentadores de poder aquisitivo elevado que participam dessas comunidades religiosas, assim ela prossegue atraindo cada vez mais seguidores, médios e pessoas para assistências em suas reuniões, esse terreiros são encontrados na maioria das vezes em bairros populares (ORTIZ, 1999).

Segundo Carranza (2005) a escolha individual da religião está relacionada ao poder de decisão, como um processo de particularização, que é uma etapa primordial para a construção da subjetividade do indivíduo moderno, bem como o processo de produção de sentido de uma experiência religiosa. Segundo González Rey (1999, 2005, p. 108), “a organização dos processos de sentido e de significação aparecem e se organizam de diferentes formas e em diferentes níveis no sujeito e na personalidade, assim como nos diferentes espaços sociais em que o sujeito atua”. Assim, a religião age nutrindo sentidos e possibilitando uma eficácia simbólica para os indivíduos e, conseqüentemente, em suas subjetividades (PORTELLA, 2006).

Além disso, a expressão religiosa é a parte integrante das atribuições simbólicas que diferenciam o homo sapiens dos animais, ou seja, o significado do símbolo” (GEERTZ 1989, p. 67). Consequentemente, a religião tem a capacidade de organizar o mundo do sujeito que no descômodo das adversidades da vida procura por fenômenos, até mesmo desconhecidos e os materializa sob forma de ritos, crenças, movimentos de toda forma, afirmando assim a ligação com algo de outra natureza que não a humana, que tanto pode lhe fascinar como causar-lhe temor (OTT, 2005). Conforme Hitchcock (2005, p.13), “a religião faz com que a experiência humana tenha significado”.

No entanto, algumas denominações religiosas tentam distorcer as doutrinas religiosas comprometidas com a sociedade, para exporem os seus pensamentos de dominação e ideologia de superioridade ao destacar alguns segmentos da religião evangélica, atesta-se que estes aparecem no cenário político na atualidade, participando de conflitos políticos na sociedade brasileira imbuídos de um pensamento cristofacista. Estes vem se ampliando nas periferias através do mercado gospel, representando não apenas uma nova forma de pensamento religioso no país, mas como também, a expansão de um planejamento de poder político com traços significativos do pensamento colonial, identificado como colonialidade do poder (QUIJANO, 1992).

Assim, um dessas vertentes evangélicas chamada de neopentecostal, formada por núcleos inflexíveis doutrinários, sendo os seus princípios: Batalha Espiritual, Teologia da Prosperidade e Dons Espirituais, tem contribuem para a manutenção da hierarquização de pessoas, ascensão de uns em prejuízo de outros e falta de interação com outras religiões (BIGON, 2020). A luta pela pauta moral intensificou nos evangélicos a consciência, ou inclinação, para a construção de um Estado cristão e para uma possível hegemonia amparada pelo crescimento sistêmico e exponencial de sua Igreja no país (RAMOS e ZACARIAS in LE MONDE, 2017).

Também, observa-se que personalidades evangélicas neopentecostais, apresentam condutas fundamentadas no colonialismo, intolerância religiosa e racismo (WALSH, 2009). A exemplo, citamos o Bispo Edir Macedo, dono da Rede Record e da Igreja universal do reino de Deus, incentivando a uma utopia social, atribuindo às religiões de matriz africana o mal, a pobreza, a miséria e ideias racistas. Todavia, tais manifestações de pensamentos ideológicos têm que ser combatidos, através de análises críticas, construídas através de uma boa educação.

Este projeto de pesquisa, objetivou uma análise dos processos de colonização e dominação religiosa no período colonial, e através das experiências religiosas na

atualidade tentar contribuir para uma maior integração com estudantes estrangeiros africanos da Unilab.

5. METODOLOGIA

5.1 Tipo de Pesquisa

A configuração metodológica da pesquisa está fundamentada no método qualitativo que se refere à elaboração de interpretações da realidade a partir das argumentações dos (as) intervenientes (MINAYO; SANCHES, 1993). Assim sendo, as declarações são reconhecidas a partir das suas circunstâncias sociais, culturais e pessoais (SLIFE; WILLIAMS, 1995).

Conforme Denzin e Lincoln (2006) a pesquisa qualitativa, de imediato, presume que o/a pesquisador/a fará uma abordagem empírica de seu objeto, desse modo, ele(a) partirá de um marco teórico-metodológico programado e pré-estabelecido por ele e, somente assim, preparará seus instrumentos de coleta de dados, conforme ambos nos apresentam,

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de casos; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais/registros de campo; históricos interativos e visuais – que descrevem momentos significativos rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Portanto, os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance. (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

Da mesma maneira, Minayo (2003, p. 21) interpreta a pesquisa qualitativa como aquela que “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Por conseguinte, a abordagem qualitativa possui algumas características como: estudos empíricos produzidos no universo natural, os fatos sociais são analisados no contexto ao qual se encontra, há um contato direto do pesquisador, sendo de grande importância para: observação, seleção e verificação dos dados conseguidos; o pesquisador realizará entrevistas, reunirá fotografias, depoimentos que contribuíram para a exposição dos fatos, devendo sempre primar pela idoneidade desses dados colhidos. Sendo a sua análise feita de forma indutiva que ao longo da pesquisa se dará de forma progressiva a elaboração do quadro teórico (GODOY, 1995).

Arelada ao campo, ela se funde para descrever um determinado tipo de pesquisa feito em locais de vida cotidiana de seus participantes, desse modo, faz com que o pesquisador transite e sinta-se parte de seu lócus de pesquisa, coletando dados que futuramente serão analisados, como vemos nas palavras de Spink (2003).

5.2 Técnica

Como formas usadas a entrevista semiestruturada e diário de campo. Quanto à entrevista semiestruturada, ela tem o intuito de proporcionar espontaneidade à fala do(a) entrevistado(a) por meio de perguntas abertas que assimilem os sentimentos, crenças e valores dos temas investigados (ALVES; SILVA, 1992). Será, determinar uma relação com o(a) entrevistado(a) fundamentada no respeito, na compreensão e na igualdade entre os indivíduos. Acredita-se que a pessoa que será entrevistada se sinta respeitada, ao manifestar a sua concepção sobre os temas estudados. De modo igual, a entrevista deverá ser gravada para fins de estudo (FRASER; GONDIM, 2004). Neste projeto de pesquisa o foco do roteiro das perguntas da entrevista semiestruturada serão, os pontos de vista a respeito da pouca integração, racismo e preconceitos sofridos por estes participantes.

A entrevista, segundo os escritos de Minayo (2008, p. 11) trata-se de um momento oportuno e direto de conversa face a face com os participantes escolhidos para a pesquisa com o intuito de “mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes”, fornecendo dados detalhados sobre um determinado assunto específico para “uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações” em relação aos atores sociais e contextos sociais específicos” (MINAYO, 2008, 22).

Ainda sobre entrevistas, enquanto técnica de coleta de dados, deve-se ficar evidente que a mesma, segundo as palavras de Kuhn,

[...] deve ser o reflexo de um planejamento metodológico consciente e informado. Isto porque, por trás de uma escolha técnico-instrumental, há o enquadramento da pesquisa em um paradigma científico, que oferece ao pesquisador contornos e definições claras a respeito do tipo de problema que é possível investigar, como é possível fazê-lo, qual tipo de raciocínio envolvido, qual a postura adotada pelo pesquisador e, finalmente, que tipo de conhecimento pode ser obtido (KUHN; 1992, p. 65).

Outra técnica que será utilizada para este projeto de pesquisa é o diário de campo, segundo Falkembach (1987), o diário de campo é um dispositivo de anotações, um caderno com espaço suficiente para anotações, comentários e reflexões, sendo usado pelo pesquisador em seu cotidiano uma grande ferramenta de apoio em suas análises e

observações minuciosas que aparecem no decorrer de suas pesquisas de campo, essas anotações ajudam ao pesquisado em suas avaliações de fatos concretos, fenômenos sociais, experiências pessoais do investigador e comentários. A partir destas considerações iniciais acerca das técnicas escolhidas, a seguir iremos apresentar o local de estudo, os participantes do projeto de pesquisa e os respectivos critérios que serão levados em conta em todo o processo de elaboração da pesquisa.

5.3 Campo e Participantes do Projeto de Pesquisa

A pesquisa acontecerá em Acarape que está localizada a 60 km da capital do estado do Ceará, Fortaleza, compondo a Região do Maciço de Baturité (IPCE, 2015). Em virtude de Redenção-CE ter sido a primeira cidade a acabar com a escravidão no Brasil em 1883, Acarape por ser cidade vizinha, também foi contemplada com instalações da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Destaca-se que, logo após a implantação da UNILAB, os preços dos alugueis no município de Acarape começaram a subir, pois ela, foi projetada como uma universidade residencial com uma infraestrutura de ponta para acolher de cinco a dez mil estudantes, porém, ocorreu um atraso nas obras, o que dificultou a locação de casas por conta dos estudantes (OSMARIA; BAS’LLELE, 2017).

Nesse sentido, destaca-se que os participantes deste projeto serão estudantes estrangeiros, de diferentes nacionalidades, sendo homens e mulheres, matriculados em qualquer curso da Unilab e, que frequentem as comunidades religiosas protestantes Batista e religiões de matrizes africanas em Acarape, maiores de 18 anos e que aceitaram participar do projeto de pesquisa.

5.4 Procedimentos +-Metodológicos

A entrevista será semiestruturada com estudantes africanos da Unilab, membros das comunidades religiosas em Acarape. Primeiramente, procurarei criar uma interação com os (as) participantes e expor a proposta do projeto de pesquisa. Depois de criar um contato, os (as) participantes disponibilizaram os seus números de contato pelo celular. Seguidamente irei marcar junto com os colaboradores do projeto os horários que estarão disponíveis para a realização das produções das entrevistas, bem como o local de suas preferências para a realização da mesma.

As entrevistas serão gravadas a partir de um roteiro de perguntas semiestruturadas, em seguida esse material será transcrito e analisado. O projeto de

pesquisa usado é o qualitativo, com utilização de dados bibliográficos de artigos relacionados à temática como referência.

5.5 Análises

Segundo Magalhães (2001) a Análise Crítica do Discurso, é originada do campo linguístico, onde ela vai além da esfera textual e contextual, abrangendo práticas sociais, no qual Magalhães indica:

Para além do contexto, a definição [...] focaliza a dimensão da prática social a partir de uma visão da linguagem investida de poder e ideologias, capaz de construir as dimensões sociais do conhecimento, das relações e identidade social. É essa visão de discurso, estreitamente ligada ao situacional, institucional e societal que interessa à ACD (MAGALHÃES, 2001, p. 16).

Compreendendo o discurso como uma forma social o percebemos na sua prática social, ligada às ideias de ideologia do poder, ou melhor, o discurso age como um poder supremo. Segundo Fairclough (1989) a Análise Crítica do Discurso, também pode contribuir para o despertar da consciência como linguagem, o que lhe permite se libertar da dominação de uma pessoa a outra. Na Análise do Discurso Crítico, a perspectiva dada às análises direciona-se para os métodos sociais em entendimento predominante qualitativo e se firmam em procedimentos dialéticos de análise metodológico ressignificando o alcance de uma visão menos dogmática em pesquisa social (BAUER; GASKELL, 2002).

Destaca-se que esse tipo de Análise Crítica do Discurso ADC, com a qual iremos usar, além de viabilizar a investigação dos pontos de vista do mundo a partir de um conceito questionador, destina-se a observar e explorar o fenômeno e objetos que dele resultam, aos atores sociais envolvidos e os seus processos contextuais que encontram-se, desse ponto de vista essa análise aproxima-se da realidade, e pode ser estudada, engajando e dando enfoque nos temas, atuando através da ADC (TRIVIÑOS, 1987).

Além disso, através da Análise Crítica do Discurso (ADC), podemos compreender como atuar com a interação e o discurso, o que contribuirá para os procedimentos de criação, distribuição e aplicação de textos de acordo com princípios sociais (MAGALHÃES, 2001, p.17). É através da ADC, que investigamos uma relação entre o texto e o contexto social, o que viabiliza a categorização e a teorização entre a relação do diálogo, por meio de ações loquaz (agências), e permanências discursivas (estruturais), (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Nesse sentido, procura-se um

sentido das categorias em análises, ampliando e construindo outras visões de compreensão.

5.6 Manejos Éticos

Logo, é necessário criar uma relação entre o pesquisador e pesquisado, fundamentada no comprometimento ético e político, levantando uma forma de estudo pautado no respeito aos itinerários dos participantes (MINAYO; ASSIS. SOUSA, 2005). Que são: estudantes, estrangeiros africanos e participantes das comunidades religiosas protestantes Batistas e de matrizes africanas em Acarape, dessa forma objetivando as margens para a observação sobre si e sua realidade, por esta razão utilizaremos os procedimentos adotados, no qual este projeto de pesquisa se apoia na resolução de protocolo de ética na pesquisa 510/2016, que se refere às questões éticas da pesquisa com seres humanos, estipulando critérios e delimitações que favorecem em seu centro, a vida e dignidade humanas. Salienta-se que, os participantes que colaboraram com esse projeto de pesquisa, através de informações que tiveram posse, estão cientes do objetivo do projeto de pesquisa, e seus dados estão protegidos com total sigilo e anonimato.

6. CRONOGRAMA

O cronograma da pesquisa foi pensado para ser realizado em um período de quatro meses, e será combinado com a comunidade religiosa do município de Acarape-Ceará.

Calendário de Atividades	Período (2024)			
	Agosto 2024	Setembro 2024	Outubro 2024	Novembro 2024
Revisão Bibliográfica	X	X	X	
Definições do Projeto de P.	X	X		
Coleta de dados		X	X	

Análise e Discussão teórica		X	X	
Escrita do Projeto de Pesquisa		X	X	
Revisão da redação				X
Defesa Pública				X

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ALVES, Z. M. M. B.; SILVA, M. H. G.F. D. **Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta**. Paidéia, vol. 2, p. 61-69.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução Pedrinho A. Guareshi. Petrópolis: **Vozes**, 2002.

BRAH, Avtar. **Cartografias da diáspora: identidades em questão**. Madrid: Maggie Schmi y Traficantes de Sueños, 2011.

BATTESTIN, C; BONATTI, J; QUINTO, J. R. A colonização e resistência dos povos originários da América Latina. **Revista Fórum Identidades**. Itabaiana SE, Universidade Federal de Sergipe. v.30, n.01, p.13-27. 2019.

BEIGUELMAN, Paula. **A crise do escravismo e a grande imigração**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **A formação do povo no complexo cafeeiro**: aspectos políticos. São Paulo: Pioneira, 1977.

BATTESTIN, C.; BONATTI, J. A resistência e diversidade dos povos originários no Brasil desde o século XV. In: LIMA NETO, A. de; PEREIRA, E.FERREIRA, F. R. F. (orgs.). **Diversidade e Educação**: experiências de resistência e de criação. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2022, pp. 79-114.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BARCELOS, A.A.B. **Escravidão e imigração: A Formação da Classe Obreira no Brasil**. REA, nº 3, Dez, 2016, p. 57-67. Dossier cultura e identidade Afro Americanas.

BIGON, João M.S. **Entre a cruz e a encruzilhada: a comunidade negra evangélica e as propostas decoloniais de construção de mundo**. 2020. PhD Thesis. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOXER, C. R. **O império marítimo português: 1415-1825**. (1ª. ed. 1968). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BINGEMER, M.C. (Org.). **Violência e religião: Cristianismo Islamismo, Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo**. Rio de Janeiro, São Paulo: PUC/Rio, Loyola, 2001.

CASTELLS, M. O poder da identidade. São Paulo: **Paz e Terra**, 1999.

CASTILLA URBANO, Francisco. Los derechos humanos y el pensamiento de Francisco de Vitoria. in: **Revista de Filosofía**, Maracaibo, nº 33, vol. 3, 2000.

CARRANZA, B. (2005). **Religião e espiritualidade: um olhar sociológico**. In: AmatuZZi, M. M. (org). Psicologia e espiritualidade. São Paulo: Paulus.

CONSTANTINE, M. G. et al. **Examining the cultural adjustment experiences of African international college students: A qualitative analysis**. Journal of Counseling Psychology, 52(1), p. 57-66. 2005.

CASAMASSO, M. A. L. **Estado, Igreja e liberdade religiosa na “Constituição política do Império do Brasil” de 1824**. In: XIX Encontro Nacional do CONPEDI, Fortaleza. Anais... Fortaleza, 2010, pp. 6167-6176.

CARRARA, Angelo Alves. A população do Brasil, 1570–1700: uma revisão historiográfica. **Revista Tempo**, Niterói, vol 20, 2014.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. 1. ed. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1978.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e abordagens**. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

DOMINGOS, L. T. A complexidade da dimensão religiosa da medicina africana tradicional. Mneme: **Revista de Humanidades**, Caicó, v. 15, n. 34, p. 167-189, 2015.

DUSSEL, E.. **1492 el encubrimiento del otro: hacia el origen del mito de la modernidad**. La Paz: Plural editores, 1994

ENDLICH, Angela Maria. **O estudo das pequenas sociedades e os desafios conceituais: áreas de comparabilidade e complexidade mínima.** Huellas, n. 15, p. 149-165, 2011.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power.** Londres e Nova York: Longman. 1989.

FERNANDES, N.V.E. A Raiz do pensamento na Intolerância Religiosa de matrizes Africanas. **Revista Calundu.** Vol. 1, n.1, Jan-jun, 2017.

FERNANDES, Evandro; CINEL, N.C.L.B; LOPES, Verá Neusa. **Da África aos Indígenas do Brasil: Caminho Para o Estudo de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.** NEAB/UFRGS. Editora da UFRGS, 2016.

FIGUEIREDO, Nestor. **Sobre a Definição de Religião: Historiografia, Crítica e Possibilidades.** Rever. São Paulo. v.19, n.2, mai/Agos. 2019.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil.** 29 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1999.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública - FBSP. A violência contra negros e negras no Brasil. Disponível em: Acesso em de 15 Jan . de 2020 FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Paidéia, v. 14, n. 28, pp.139-152. 2004

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Paidéia, v. 14, n. 28, pp.139-152. 2004.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002.
FALKEMBACH, E. M. F. **Diário de campo: um instrumento de reflexão.** Contexto e educação, Ijuí, v. 2, n. 7, p. 19-24, jul.-set. 1987

GASPAR, E. D. **Guia de religiões populares do Brasil.** Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
GEERTZ, C. (1989). **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC.
GIL, A. C **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIDDENS, A. **A Constituição da Sociedade.** Tradução de Álvaro Cabral. – São Paulo: Editora Livraria Martins, 2003.

GUNTER, I. A.; GUNTER, H. **Desenvolvimento adulto entre estudantes brasileiros nos EUA: Em busca de um modelo.** Estudos de Psicologia (Campinas), 3(1/2), p. 84-105. 1986.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Brasília: **Revista Estado e Sociedade**, volume 31, número 1, páginas 25-49, 2016.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa - tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: RAE, v. 35, p. 20-29, maio/jun. 1995.

GONZALEZ, Rey, F. (2005). **O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica** In: **González Rey, F. (org.)**. Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia. São Paulo: Pioneira Thomson Learning

GORENDER, J. **Regime territorial no Brasil**. In: **STEDILE, J. P. A questão agrária no Brasil: o debate na esquerda – 1960-1980**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

GARCIA, Agnaldo; COSTA GOES, Dominique. **Amizades de estudantes africanos residindo no Brasil**. Psicologia, teoria e prática, v. 12, n.1, 2010, p. 138-153. Universidade presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP & A, 2006.

HITCHCOCK, S. T. (2005). **História das religiões: onde vive Deus e caminham os peregrinos**. São Paulo: abril.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). As n.11, v.3 primavera de 2019 n.11, v.3 primavera de 2019 164 165 regiões de planejamento do estado do Ceará. Textos para Discussão, n. 111, nov.

JACOBSON, C. K.; JOHNSON, B. R. **Interracial friendship and African American attitudes about interracial marriage**. Journal of Black Studies, Thousand Oaks, v. 36, n. 4, p. 570-584, 2006.

LAZALI, Karima. **Le trauma colonial**. Paris: La Découverte, 2018.

LEITE, D. M. (1954). **O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia**. São Paulo, SP: Pioneira.

LEWGOY, A. M. B.; ARRUDA, M. P. **Novas tecnologias na prática profissional do professor universitário: a experiência do diário digital**. Revista Textos e Contextos: coletâneas em Serviço Social, Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 2. 2004, p. 115-130.

LIBERAL, M.M. **Religião, identidade e sentido de pertencimento**. VIII Congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra.2004.

MAGALHÃES, C. M. **Reflexões sobre Análise Crítica do Discurso**, (Org;) MAGALHÃES, C. M. Belo Horizonte: Faculdade de Letras. UFMG. 2001

MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 12 de dez, 2019.

MALOMALO, Bas'Ilele; SOUZA, Osmaria R. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e os desafios da integração perante o racismo contra os/as estudantes africanos/as no Ceará, 2016.

MACHADO, Marta Rodrigues de Assis; LIMA, Márcia; NERIS, Natália. Racismo e insulto racial na sociedade Brasileira: Dinâmicas de reconhecimento e invisibilização a partir do direito. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 35, n. 3, p. 11-28, 2016.

MENDES, Antero. A Presença dos Estudantes Internacionais em Redenção: Práticas de sociabilidade e Segregação no Espaço Urbano. **Revista África e Africanidade**, Ano XII, n.32, nov.2019.

MÉNDEZ, M.L. & Puget, J. (2013). **Mesa de abertura. In: Congresso da FLAPAG. Clínica de la diferencia e interculturalidad. Anais...** Buenos Aires, Argentina: (não publicada).

MERTA, R. J., PONTEROTTO, J. G.; BROWN, R. D. **Comparing the effectiveness of two directive styles in the academic counseling of foreign students.** Journal of Counseling Psychology, 39, p. 214-218, 1992.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e decolonialidade. Brasília: **Revista Sociedade e Estado**, volume 31, número 1, páginas 75-97, 2016.

MAGGIE, Yvonne. **Medo do Feitiço: relações entre magia e poder no Brasil.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MACHADO, Job Clai; FERRÃO, I. **A religião como elemento de integração e apoio social.** Email jobmachado1964@gmail.com; E-mail iaraferao@hotmail.com .2021-01-05.

MAGGIE, Y.; REZENDE, C. B. (org.). **Raça como retórica: a construção da diferença.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra.** 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

MORADI, B.; RISCO, C. **Perceived discrimination experiences and mental health of Latin American persons.** Journal of Counseling Psychology, 53, p. 411-421, 2006.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, v.9, n.3, 239-262, 1993.

_____, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento.** 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

_____, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. S. Avaliação por Triangulação de Métodos. Abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

MURAKAMI, Rose; CAMPOS, C.J.G. Religião e Saúde Mental: Desafios de Integrar a Religiosidade ao Cuidado com o Paciente. **Revista Brasileira Enferm**, Brasília. Mar-Abr; 65(2), p.361-7.

MÜLLER, Telmo Lauro. **1824 antes e depois: o Rio Grande do Sul e a imigração alemã**. Nova Petrópolis: Amstad, 1999.

NOGUEIRA, S. Intolerância Religiosa (Feminismos Plurais). 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

OYĚWÙMÍ, O. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas**. Dakar: Codesria,

ORTIZ, R. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

OTT, R. (2005) **O Sagrado**. Lisboa: Edições 70.

OLIVEIRA, Ednilson Turozi. **Ensino Religioso: fundamentos epistemológicos**. Curitiba: Ibipex, 2009.

PAIVA, Marília. Um olhar sobre “Epistemologias do Sul” de Boaventura de Souza Santos. **Revista Uniara**, São Paulo, v.18, n. 1, p. 198-205, jun.-jul. 2015.

PETIT, Sandra Haydée; CRUZ, Norval Batista: Arkhé: corpo, simbologia e ancestralidade como canais de ensinamento na educação. Caxambu: ANPED, 2009.

_____, Sandra Haydée; **Pretagonia: Pertencimento, corpo- Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professores e Professoras**. Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei 10639/03. Fortaleza/CE, UFC, 2015.

PIRES, Rui Pena (2003); **Migrações e Integração – Teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa**, Celta Editora.

PORTELLA, R. (2006). **Religião, sensibilidades religiosas e pós-modernidade: da ciranda entre religião e secularização**. Disponível em www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_portella.pdf. Acessado em maio de 2007.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad y modernidad/racionalidad**. Perú Indígena, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

RAMOS, Ariovaldo; ZACARIAS, Nilza Valéria. **Neopentecostais e o projeto de poder**. Le Monde Diplomatique, 20 de março de 2017. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/neopentecostais-e-o-projeto-de-poder/>. Acesso em: 14/02/2021.

REZENDE FILHO, Cyro. **História econômica geral**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1995.

RIBEIRO, J.D.P. A Formação do Povo Brasileiro e Suas Consequências no Âmbito Antropológico. **Revista Multidisciplinar**. p. 4-15.

RIBEIRO, P.H.M; RODRIGUES, Maria Emilia. Origens e manifestações contemporâneas da intolerância religiosa no Brasil: considerações sobre o fenômeno e formas de combatê-lo. *Caderno Intersaberes*, Curitiba, v.10, n.28, p.4-15, 2021.

ROCHA – TRINDADE Maria Beatriz et al (1995) **Sociologia das Migrações**, Universidade Aberta.

SANZ, Wagner de Campos. “**Discriminação, Preconceitos e Intolerância**”. In MORAES, C. C. P.; LISBOA, A. S.; OLIVEIRA, L. F. (Orgs). Educação para as Relações Etnicorraciais. Brasil. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Universidade Federal de Goiás. 2 ed. – Goiânia: FUNAPE: UFG/Ciar, 2012.

SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. 532 p.

_____, MENESES, Maria Paula, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____, Boaventura S.; MENDES, José M. **Demodiversidade: imaginar novas possibilidades democráticas**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SEGALEN, M. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SUBUHANA, C. **Estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro, Brasil: Sociabilidade e redes sociais**. *Imagário-USP*. 13(14), p. 321-355, 2007.

STALLIVIERI, Luciane, PILOTTO, Daísa Ziglioli; GONÇALVES, Roberto Birch. Da Adaptação Cultural de Estudantes Internacionais sob o ponto de vista das teorias da curva “U” e da curva “W”. **Revista GUAL**. Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 26-47, set., 2015. Disponível em: . Acesso em: 15 maio 2018.

SETTON, M.G. **As religiões como agentes de socialização**. *CADERNOS CERU*, série 2, v. 19, n. 2, dezembro de 2008.

SPINK, P. K.. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade**, v. 15, n. 2, p. 18–42, jul. 2003.

SOUZA, Ana Lucia Silva; MUNIZ, Kassandra da Silva. **DESCOLONIALIDADE, PERFORMANCE E DIÁSPORA AFRICANA NO INTERIOR DO BRASIL: SOBRE TRANSIÇÕES IDENTITÁRIAS E CAPILARES ENTRE ESTUDANTES DA UNILAB**. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, p.81-101, 18(2), 2017.

SLIFE, B.D.; WILLIAMS, R.N.O **Que Existe Por Trás da Pesquisa**. Sage: Londres, 1995.

SILVEIRA, Renato da. **O Candomblé da Barroquinha. Processo de constituição do primeiro terreiro de keto.** Salvador: Maianga, 2006.

TAMAYO, A. **Hierarquia de valores transculturais e brasileiros.** Psicologia: teoria e prática, Brasília, v. 23, n. 1, p. 7-15, 2007.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Educação: a revolução necessária.** 5. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VON, C. **Cultura de paz: o que os indivíduos, grupos, escolas e organizações podem fazer pela paz no mundo.** São Paulo: Pierópolis, 2003.

ZAMORA, M. H. R. N. **Desigualdade racial, racismo e seus efeitos.** Fractal, Rev. Psicol. v. 24, n. 3, p. 563-578, set./dez. 2012.

ZEIFERT, Anna Paula Bagetti; PAPLOWSKI, Schirley Kamile; AGNOLETTTO, Vitória. **Genocídio Epistêmico: Os Pilares do Conhecimento da Racionalidade Eurocêntrica.** Confluência. Niterói/RJ. v.25, n.2, Abr/ago. 2023, p.203-222.

ZUCON, O.; BRAGA, G.G. **Introdução às culturas populares no Brasil.** 1.ed. Curitiba: Intersaberes, 2013.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

KOLLER, S. H. Ethics in research with human beings: Some issues about Psychology. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.13, p. 399-406, 2008.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver.** 2009.

YANG, Yuan. O comércio dos “coolies” 1819-1920. *Revista de História*, São Paulo, n.112, p. 419-428, 1977.